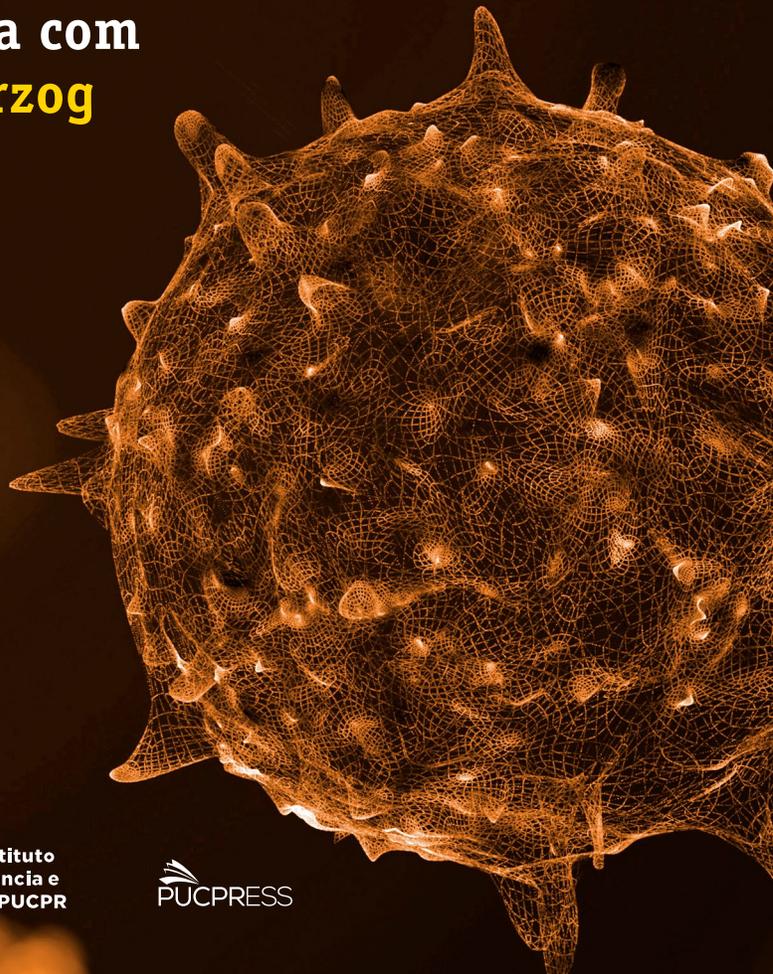


Pensar o (im)pensável

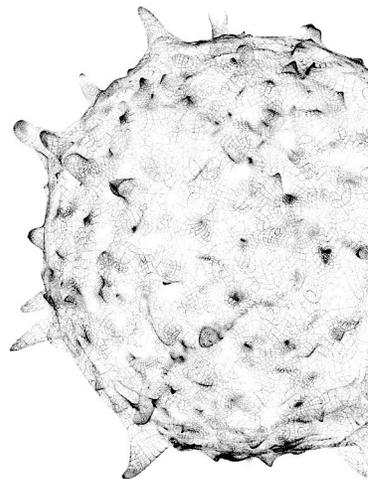
Instituto Ciência e Fé
e PUCPRESS debatem
a pandemia com
Regina Herzog



Pensar o (im)pensável

Instituto Ciência e Fé
e PUCPRESS debatem
a pandemia com
Regina Herzog

Sob curadoria de
Fabiano Incerti
Douglas Borges Candido



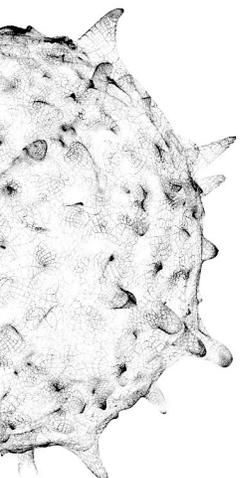
Instituto
Ciência e
Fé PUCPR



Com a parceria de:

Programa de
Pós-graduação em
Filosofia PUCPR

Laboratório de
Estudos sobre o
Contemporâneo



Regina Herzog, psicóloga, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisadora na área de teoria psicanalítica, autora de *A psicanálise e o pensamento moderno*.

Pensar o (im)pensável: Instituto Ciência e Fé e PUCPRESS debatem a pandemia é uma série de entrevistas que serão realizadas a partir de diferentes perspectivas do saber sobre os impactos da pandemia. A seleção e a organização do conteúdo estão sob curadoria de Fabiano Incerti e Douglas Borges Candido, do Instituto Ciência e Fé PUCPR, e a edição pela equipe da PUCPRESS. Revisão de texto: Juliana Almeida Colpani Ferezin. Projeto gráfico e diagramação: Rafael Matta Carnasciali.

Jun/2020

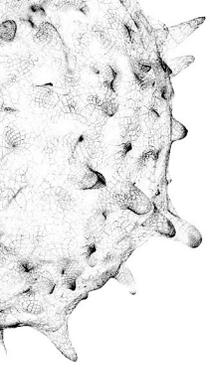
Que cenário psicológico temos nesse momento da pandemia e do isolamento social? Quais parecem ser, do seu ponto vista, as faixas etárias mais vulneráveis e quais delas demorarão mais para se recuperar de possíveis traumas?

Nos dias atuais estamos vivendo um momento ou melhor uma situação que certamente podemos nomear como sendo da ordem de uma catástrofe. Diante da pandemia, bem como da necessidade do isolamento social – o qual até agora se configura como a prescrição mais efetiva que temos para evitar um mal maior – o cenário não é nada promissor. E isto se aplica a todos os setores que compõem a sociedade: hoje vemos desmoronar tanto a economia mundial quanto a possibilidade de se manter o convívio social, estamos ameaçados de um aniquilamento sem precedentes, temendo um inimigo que não se sabe como age, de onde vem ou de quantas maneiras pode atacar. Enfim, poderia ficar aqui enumerando uma infinidade de motivos que dão ao cenário psicológico uma tonalidade bastante cinzenta. E não chego a dizer uma tonalidade fúnebre porque quero apostar no dia de amanhã, ou melhor, na capacidade produtiva do ser humano para criar modos de lidar com a situação. Alguns vão dizer que afinal não é a primeira e nem será a última vez que passamos por situações desta natureza. Guerras, pestes, epidemias fizeram parte de nossa história e conseguimos superar. É verdade, mas esta constatação não altera o fato, ou melhor, a brutalidade do fato, conforme frisou uma amiga psicanalista sobre este cataclisma. Contudo, se a nossa história pregressa nos serve de algo neste momento é de que, assim como nossos antepassados em outros tempos, nós hoje estamos vivenciando esta catástrofe ou, como se costuma dizer, estamos imersos no olho do furacão. E diante disso, o sentido que foi dado para as situações precedentes não explica nem justifica o sem sentido do que estamos experienciando.

Nesta medida, para descrever o cenário psicológico deste momento precisamos considerar, antes de tudo, que nada do que se diga pode funcionar como uma explicação do que cada um de nós está sentindo. Não existe teoria que dê conta do que cada um está vivendo e respeitar isso me parece ser o primeiro e o mais importante passo a ser dado quando nos propomos escutar nosso semelhante.

Apesar da singularidade do que cada um está vivenciando, talvez possamos partir de um dado comum a todos nós. Considerando a perspectiva psicanalítica sabemos que aqueles que buscam ajuda o fazem a partir de um modo como o sofrimento psíquico se expressa; e este modo, por sua vez, remete à





forma como o sujeito estabelece vínculos afetivos e relacionais consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Mas temos um agravante que vai engrossar a fileira de dificuldades que esta questão comporta. Trata-se de circunscrever o que vem a ser sofrimento humano. Tomando a definição do termo sofrimento, vemos que abrange um amplo espectro – sofrimento é, segundo alguns dicionários, qualquer experiência aversiva (não necessariamente indesejada) acompanhada de uma emoção negativa que lhe corresponde. Geralmente o sofrimento é associado a dor, ao desprazer e/ou à infelicidade. Em psicanálise, comumente, observamos dois modos de remetimento ao sofrimento ligados, respectivamente, a dois mitos organizadores: Édipo e Narciso. No primeiro, o sofrimento pode estar associado à culpa decorrente de um conflito entre os impulsos desejantes e sua renúncia – em nome do bem-estar social –, ou seja, entre o que se quer e o que se deve fazer. É assim que ele aparece nas ditas neuroses clássicas (histeria, neurose obsessiva, etc), por exemplo. No segundo modo, o sofrimento pode se vincular a um sentimento de incerteza de si, referindo-se a problemáticas em torno do narcisismo. Hoje, diante da experiência da catástrofe não sei se podemos explicar o sofrimento psíquico que acomete o sujeito a partir desta distinção de modo tão marcado. Nem mesmo sei se podemos chamar de sofrimento. Como se nomear, dar um nome a esta vivência, está sendo muito difícil. E isto na medida em que a brutalidade do fato rompe com princípios básicos da construção do que entendemos como a condição humana e de qualquer discurso a respeito dela. Falando mais claramente, esta ruptura provoca uma total perda de referências. Perda que se dá em vários planos de realidade: perda da referência do outro que é imprescindível para que o eu se constitua; perda da referência de um tempo em que isto se deu (nossa certeza de si) e permanece se dando em cada gesto nosso; e mais ainda, a partir do outro, perda da referência que posso ter de mim como um corpo: um corpo que possa chamar de meu. Corpo, outro, tempo... se perdem diante deste vírus invisível.

Diante disso fica difícil dizer quem ou que faixa etária é mais ou menos vulnerável. Do ponto de vista socioeconômico a resposta poderia ser um tanto mais objetiva: os menos favorecidos são certamente os mais vulneráveis. Mas não é disso que estamos falando. Em segundo lugar não sei se a pergunta de quem ou que faixa etária vai demorar mais ou menos para se recuperar de possíveis traumas é pertinente. Levando em conta a perspectiva psicológica, todos, diante desta catástrofe, estão sofrendo um trauma. Não se trata tão somente de uma ferida narcísica, como talvez alguns possam achar. Conforme frisei acima, é a própria condição humana que está sendo atingida. É no coletivo que



fomos atingidos; e neste sentido todos fomos roubados. Parafrazeando Achille Mbembe¹, fomos roubados de nossa humanidade. O modo como cada um vai enfrentar este trauma é singular, mas a sensação de um tempo congelado – no qual o passado foi implodido e a perspectiva de futuro desmantelada – tira o chão de todos nós. E neste contexto a necessidade de encontrar dentro de si razões e projetos para seguir adiante é uma tarefa a ser empreendida, por cada um, porém paradoxalmente, conjuntamente.

Pode ser que entre os jovens vamos encontrar uma maior plasticidade para lidar com esta tarefa; todavia muitas vezes lhes faltam recursos. Talvez os mais velhos tenham os recursos, mas lhes falta flexibilidade para moldar outras alternativas de existência. Trata-se de uma tarefa que exige que se trabalhe nos interstícios, deslizando pelas frestas deste edifício implodido. Sem a expectativa de encontrar soluções, mas com esperança... se pudermos definir esperança como caminhar, perseverar caminhando.

Retomar alguns velhos e bons costumes, como a leitura e a escrita, por exemplo, podem nos ajudar nesse momento?

Não acredito que possamos nos servir, como se estivesse a mão, dos velhos e bons costumes. Ler, escrever, pintar, dormir, divagar, cozinhar, meditar certamente estão ao nosso alcance, mas é preciso cuidar para não achar que se trata simplesmente de retomar do passado o que vai nos consolar ou aliviar. A primeira atitude que vai permitir escolher o modo como vamos enfrentar este momento é a de vivenciá-lo em sua crueza, em sua desumanidade, na ruptura que provocou deixando-nos desgovernados. Como se estivéssemos soltos no espaço, sem gravidade. Não temos como responder a este momento com as mesmas ferramentas que utilizamos outrora. Precisamos forjar outras... e aí, ler, escrever, divagar, sentir, respirar e outras tantas ações talvez devam ser tecidas com os mesmos fios, mas formando outras tramas. Insisto no termo outro(s)/outra(s)..., mas me sirvo deste termo para enfatizar que não significa necessariamente novo/nova... A potência de ser de outra forma está na possibilidade de experienciar em toda sua plenitude o que designei como 'desumanidade'. Em vez de tomar antigas formas de existência a partir de uma estrutura sedimentada – no modo como se concebia o tempo, o outro e o corpo – vamos operar nas fissuras provocadas pelo desmantelamento de nosso mundo interno e externo.

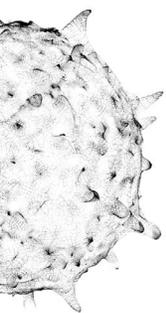


¹ MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Portugal: Antígona, 2014.

O que justifica o sentimento de vazio que as pessoas estão tendo em consequência do distanciamento social?

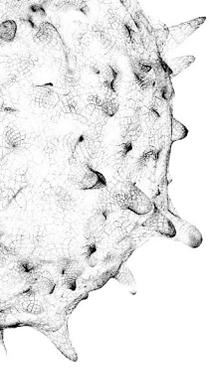
Acho importante não procedermos a generalizações. As pessoas estão sendo surpreendidas pelos mais diversos sentimentos em decorrência do distanciamento social – algumas, de fato, demonstram um sentimento de vazio; já outras de apaziguamento por não precisar entrar em contato com os semelhantes; outras ainda se sentem privilegiadas por poderem estar distante da possibilidade de contágio; outras culpadas por terem tal privilégio; e por aí vai. Aliás, podemos dizer que os sentimentos vão inclusive variando no tempo. Hoje de um jeito, amanhã de outro... Alguns passam de um se sentir bem consigo próprio a um torpor em relação ao seu estar no mundo; outros a uma necessidade urgente de ver e tocar o outro. Impossível generalizar. Costuma-se dizer que o ser humano é gregário por natureza, mas o fato é que viver em sociedade não é tudo o que o ser humano é. Solidário, muitas vezes, é verdade, mas também é solitário, egoísta, dirão alguns, em constante postura de defesa. E para referendar esta ideia temos a contribuição de Freud que, apoiado em sua experiência clínica, considera que para o homem que vive em sociedade é muito difícil conviver com o outro. Ele também afirma ser um princípio geral que, quase sempre, os conflitos de interesses entre os homens são resolvidos pelo uso da violência. Em um texto intitulado *Por que a guerra?*², que é uma resposta a Einstein, Freud diz estar certo de que o instinto agressivo que caracteriza o homem opera em todas as instâncias – em tempos precedentes, nas guerras civis devido à intolerância religiosa e, em sua época (início do século XX), devido a fatores sociais, nas perseguições às minorias raciais, etc...

Com isso ele reconhece tratar-se de um problema eminentemente social. E podemos dizer que esta é a grande inovação da psicanálise – inovação que insere Freud como um pensador da cultura: a psicanálise não desvincula o sofrimento psíquico vivido pelo indivíduo do contexto em que ele tem lugar. Isto fica claro no próprio título de um artigo de 1908³, *A moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna*: há uma relação direta entre uma e outra. E neste registro, faz todo o sentido quando diz não haver uma divisão rígida entre a



² FREUD, S. (1933). *¿Por qué la guerra?* Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1976. (Obras completas, v. XXII).

³ FREUD, S. (1908). *La morale sexuelle "civilisée" et la maladie nerveuse des temps modernes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.



psicologia individual e a psicologia social: o outro sempre intervém, seja como modelo, objeto, suporte ou adversário (1921, p.124)⁴.

Em outro momento de sua obra Freud vai distinguir três fontes geradoras de sofrimento que ameaçam o ser humano: “o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade” (1929/1930, p.105)⁵. Com relação às duas primeiras fontes temos que reconhecer, segundo ele, ser preciso se submeter ao inevitável. Contudo, este reconhecimento não é necessariamente paralisador, e me parece que aí ele se refere à possibilidade, diante disso, de emprendermos alguma atividade para mitigar o sofrimento. Quanto à fonte social do sofrimento, nossa atitude não é a mesma. Não conseguimos entender porque somos obrigados a nos submeter a desígnios alheios quando estes não atendem aos nossos desejos. Revisitando este trecho de sua obra me pareceu que hoje estamos enfrentando as três fontes de sofrimento conjuntamente. A natureza do vírus incide em nossa fragilidade corporal e o outro a quem poderíamos nos associar ou mesmo recorrer opera, ao mesmo tempo, como uma ameaça a nossa integridade. Estamos todos juntos e separados.

Acrescente-se a isto que o fato do distanciamento está retirando do ser humano a famosa liberdade do ir e vir. Ir para o futuro, vir para o passado, transitar... é isso que incomoda: nem juntos nem separados.

Ainda a respeito do distanciamento social, por que, apesar de toda tecnologia que temos disponível e que estamos acessando, nos faz falta a presença física do outro?

Me parece que a presença física do outro tem uma materialidade que vai permitir que nos reconheçamos como presença. E hoje, quando o que é da ordem do virtual tem sido confundido como o que não é real, e não como possibilidade de vir a ser atual, a tecnologia parece não dar consistência a esse outro. E se o outro não tem consistência, eu também não tenho.

Contudo, o binômio presença/tecnologia comporta uma complexidade que não pode ser colocada em segundo plano. E isto tanto no que diz respeito ao encontro entre as pessoas quanto no atendimento que o profissional de saúde mental vem oferecendo na atualidade, dado a necessidade do distanciamen-

⁴ FREUD, S. (1921). *Psicologia de las masas y análisis del yo*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1976. (Obras completas, v. XVIII).

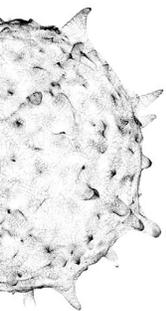
⁵ FREUD, S. (1930). *El malestar en la cultura*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1976. (Obras completas, v. XXI).



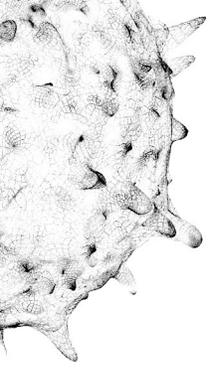
to social. A este respeito me veio a lembrança de um filme de 1987 chamado *Nunca te vi, sempre te amei*. É a história de uma mal-humorada escritora americana que envia uma carta a uma livraria em Londres, solicitando obras literárias raras. O livreiro responde educadamente e atende ao seu pedido. Inicia-se assim uma correspondência entre ambos durante cerca de vinte anos, passando inclusive pelo período da guerra. E, inclusive, nesta época ela envia para ele latas de comida, dado que ter acesso a isso durante a guerra não era uma coisa fácil. A relação de amizade que se estabeleceu entre os dois é extremamente comovente. Vale a pena assistir. Por que me lembrei deste filme?! Justamente porque nele, dado que se passa quando o acesso ao outro que estava distante só se dava por carta, ainda assim a presença de ambos podia ser detectada no papel da carta que cada um recebia do outro, nos livros que chegavam à América e nas latas de comida que ela mandava para o livreiro. De certa forma, podemos dizer que esta presença se materializava em cada um destes objetos.

Agora, o que temos hoje... o que a tecnologia nos permite? Ela nos permite reproduzir imagens e sons do outro e o que fica de fora é o tato, o cheiro, o calor... a materialidade do contato. É quase como se eu estivesse dizendo: então antigamente era tão melhor! Maldita tecnologia! Mas não é bem isso. O que quero dizer é que a materialidade da presença deve e pode ser criada de muitas formas. No filme, eles encontraram um canal em que isto foi possível. A este respeito gostaria de transcrever uma passagem de Lacan referida à questão de como se produz a transferência que ele designa como “a atualização da pessoa do analista” (1979 [1953-1954], p. 54)⁶, uma passagem que considero bastante oportuna para o que proponho como presença.

“Extraíndo-a da minha experiência [i.e., transferência como resistência], eu lhes disse há pouco que no ponto mais sensível, parece-me, e mais significativo do fenômeno, que o sujeito a sente como a brusca percepção de algo que não é tão fácil de definir, a presença. Está aí um sentimento que não temos o tempo todo. Certamente, somos influenciados por toda espécie de presenças, e o nosso mundo só tem sua consistência, sua densidade, sua estabilidade vivida, porque de certa maneira levamos em conta essas presenças, mas não as realizamos como tais. Vocês sentem que é um sentimento de que eu direi que tendemos incessantemente a apagá-lo da vida. Não seria fácil viver se, a todo instante, tivéssemos o sentimento da presença com tudo o que ela comporta



⁶ LACAN, J. (1953-1954). *Livro 1 – Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.



de mistério. É um mistério que afastamos, e ao qual, para dizer logo tudo, nos acostumamos”.

Agora que estamos apartados uns dos outros, essa presença precisa ser vivida em sua ausência, tal como estávamos habituados a considerar ausência como o oposto de presença. O que estou defendendo é que existem modos da presença se presentificar, ou melhor, dessa presença ser vivida de outras maneiras.

Como as Humanidades podem contribuir nesse cenário?

Creio que neste momento, as Humanidades têm contribuído imensamente para se encarar este cenário de frente. Entendo como ‘Humanidades’ não somente as ciências sociais, mas todo saber que está voltado para a natureza. E entendo ‘humano’, tratado por estas Humanidades, como aquele que cria e habita a natureza. Mbembe diz, se referindo a Édouard Glissant que, para este autor, o mundo em si, em sua coisidade, nada significa sem o conceito de humanidade.

O que se olha de frente, com a ajuda seja das ciências sociais, da medicina, da psicologia e de todos os saberes que têm se dado as mãos, são as fissuras que compõem este cenário de catástrofe, cenário no qual estamos inseridos, que habitamos, nós também, fragmentados. Para tanto, há que reconhecer essa condição humana, somos seres fragmentados e, portanto, vulneráveis. E a contribuição que nossa área tem como propósito, ou melhor, como intenção, não é a de aceitar, passivamente, esta condição. Tomo aqui as palavras de Butler (2006)⁷ quando diz que “demandar reconhecimento ou oferecê-lo não significa pedir que se reconheça o que cada um já é. Significa invocar um dever, instigar uma transformação, exigir um futuro” (p.72).

Nestes termos, ao invés de enfrentar a pandemia, trata-se de criar modos de viver a pandemia e com isso poder resistir e afirmar a nossa potência vital.

Do ponto de vista da psicologia, que transformações podemos esperar na sociedade pós-pandemia?

Só uma palavra me ocorre para falar das transformações que se pode esperar da sociedade pós-pandemia: imprevisível.

Conforme apontado acima, as certezas desmanteladas, provocadas pelo rompimento de um mundo aparentemente estruturado, promove a necessidade imperiosa não só de uma revisão do que tínhamos como dado, até porque o

⁷ BUTLER, J. Vida precária: *el poder del duelo y la violencia*. Buenos Aires: Paidós, 2006. p. 192.





dado nem era assim tão certo, mas de algo mais. Vou exemplificar esta ideia de um dado incerto. Tomemos a ideia de corpo que ressaltamos ter sido impactado por esta catástrofe, de um corpo que está em frangalhos. Um corpo fragmentado. E quando falo de corpo, cabe lembrar, estou falando de finitude. No ensaio de 1914, denominado *Sobre o narcisismo: uma introdução*⁸, Freud aborda pela primeira vez de forma explícita a questão do nascimento do Eu, deixando claro que se trata de uma construção e destacando a necessidade de “uma nova ação psíquica”. Sua argumentação nos dá indícios de que esta “nova ação”, que envolve a unificação do corpo disperso do autoerotismo, é desencadeada pela alteridade. Com efeito, é o outro, representado pelas figuras parentais que, através do investimento libidinal no corpo da criança, viabiliza a construção do Eu. O que é importante nesta descrição, conforme sublinha Lacan (1949)⁹, é que o Eu advindo do estágio do espelho é, antes de tudo, uma ficção, permanecendo então eternamente em discordância com a realidade. Ou seja, a imagem do corpo unificado não passa de uma miragem.

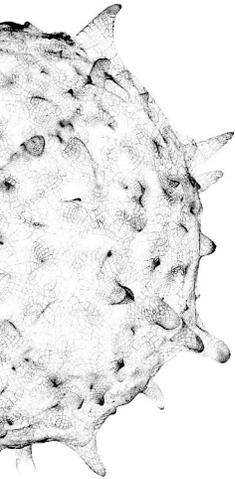
O fato de o corpo não ser integral e irremediavelmente unificado não é necessariamente fonte de sofrimento psíquico. Todos nós somos, o tempo todo, acossados pela fragmentação. Quando predomina o registro da parcialidade pulsional que virá a ser investido pelo outro, isto não quer dizer, necessariamente (embora em muitos casos seja disso que se trata) que o eu encontra-se despedaçado. Neste registro, fragmentado não é sinônimo de despedaçado. Não se trata de juntar pedaços e com isso fortalecer o narcisismo.

O que chama nossa atenção é a importância que a ideia de fragmentação pode ter nas configurações subjetivas. É preciso insistir: não se trata simplesmente de ligar fragmentos, juntar pedaços para formar uma totalidade, uma unidade. Mais apropriado pensar que este eu total é uma ilusão; ousaria dizer que este ‘eu’ é sempre fragmentário e sendo fragmentário nunca pode formar uma continuidade, a não ser ilusória. Fragmentos se encontram, ao acaso e de modo descontínuo. Poder reconhecer isso e operar neste registro é o do que se trata hoje.

Na psicanálise, vamos encontrar na obra de Sándor Ferenczi uma fonte que pode nos dar subsídios para pensar a questão da fragmentação. Este autor conhecido como o psicanalista dos casos difíceis trabalhou a questão da cli-

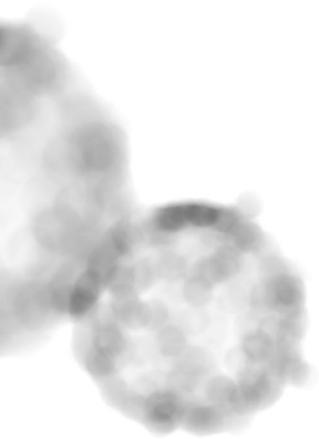
⁸ FREUD, S. (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIV).

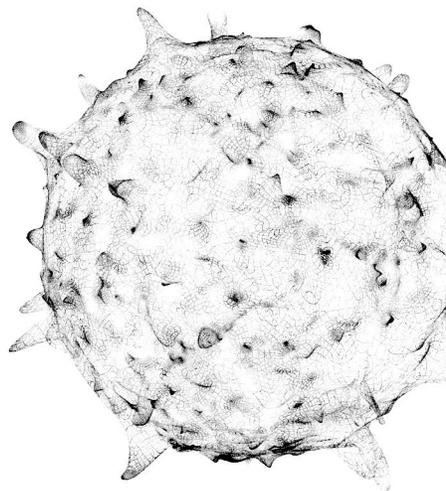
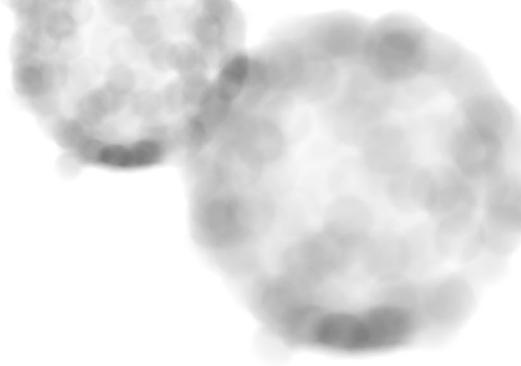
⁹ LACAN, J. (1949). *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je in Écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 1966.



vagem, da autotomia, da introjeção e da incorporação, entre outros conceitos que podem ser de grande utilidade neste estudo sobre a fragmentação. Já na filosofia podemos contar com a contribuição de Walter Benjamin, que vai falar com muita propriedade dos restos, que não são parte de um todo, mas fragmentos. Fica aqui a indicação.

Encontrar modos de se reconhecer como tal e criar modos de caminhar vivenciando cada passo é uma alternativa que permite agregar à palavra 'imprevisível' um outro termo: esperança. Não sabemos para onde ou quando... trata-se de uma outra temporalidade... a de um presente que se desdobra na imprevisível esperança. Todos juntos e misturados.





**Instituto
Ciência e
Fé PUCPR**



Com a parceria de:

Programa de
Pós-graduação em
Filosofia PUCPR

Laboratório de
Estudos sobre o
Contemporâneo